ROCK MEETING

Nº 143 | Ano XIII

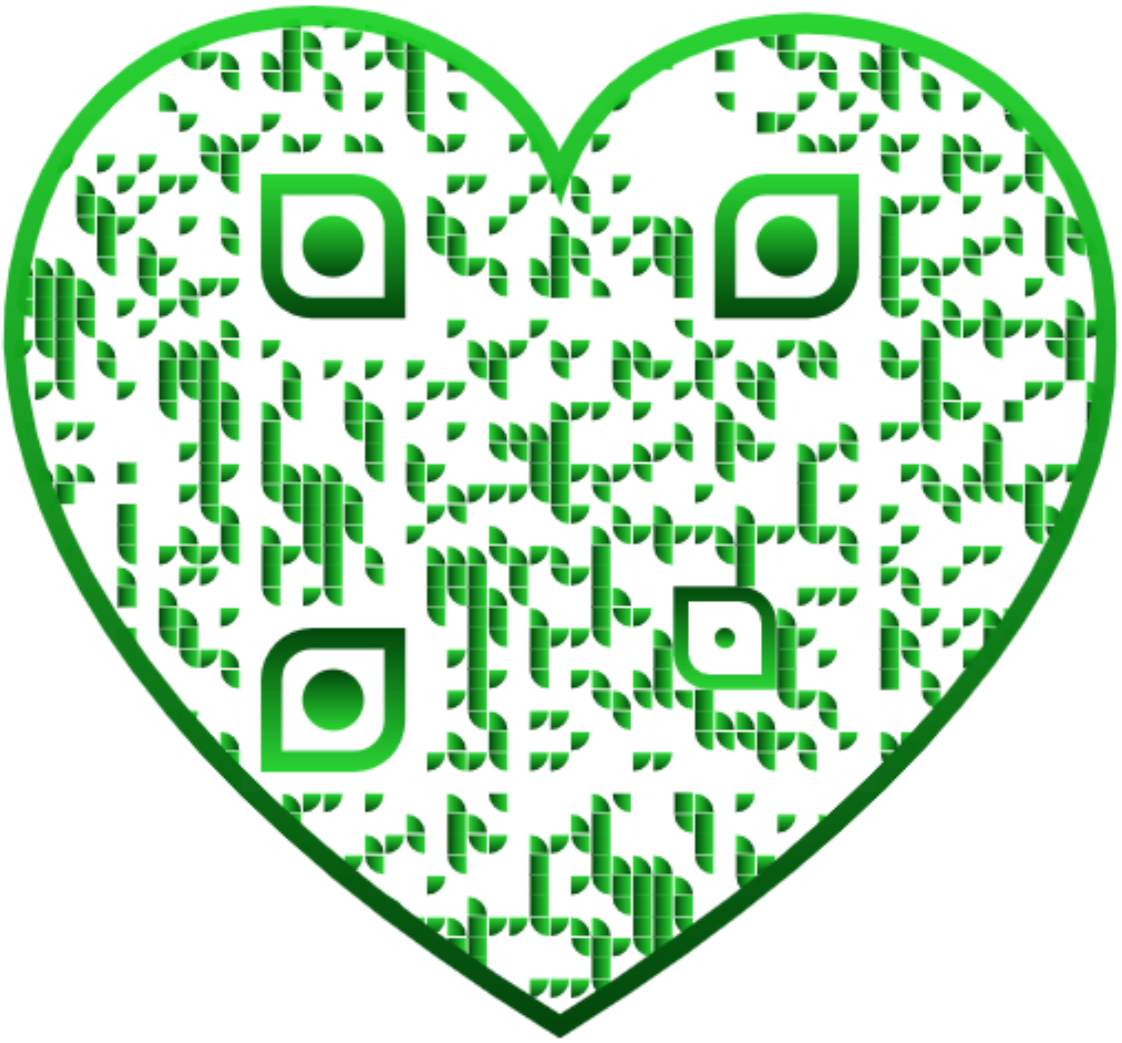
www.rockmeeting.net

MONUMENTS

O EQUILÍBRIO PERFEITO PARA O ÊXTASE

\+

INFECTED RAIN | AS IT IS | PRIDELANDS | INVISIONS | KROSIS | INRETROSPECT



MONUMENTS "*CARDINAL RED*"

. PEI FON

@PEIFON

JORNALISTA, FOTÓGRAFA E DIREÇÃO GERAL DA ROCK MEETING

A primeira vez que escutei "Cardinal Red", o riff inicial chamou a minha atenção. Mas fui realmente surpreendida com a versatilidade de Andy Cizek nos vocais. Isso não significa que o recém integrante esteja chamando os holofotes para ele, pelo contrário, ele era a peça que faltava para o Monuments ser a personificação da unidade.

Um pouco antes da pandemia, o Monuments já estava passando por modificações na formação e, como toda mudança, é preciso passar por um período de adaptação. Nunca é fácil porque é necessário compreender como aquela nova pessoa vai acompanhar o ritmo do que já está em curso.

Foto: Joeseth Carter

Andy fez alguns shows, mas todos estávamos ansiosos para ouví-lo nas canções feitas para a sua voz. A surpresa veio com alguns singles lançados no ano passado, mas é com o álbum “In Stasis” que temos a real noção do quanto ele está totalmente integrado à banda.

“Cardinal Red” é um ótimo exemplo do quanto o Monuments vive o seu melhor momento, ouso até dizer isso, mas é o que sinto ao ouvir o novo álbum. E tenho a coragem de dizer que gosto muito mais desse atual Monuments. Esse single é um suprassumo de técnica, melodia, ousadia e emoção. E já ouvi tantas vezes que deve aparecer na lista das mais ouvidas de 2022 (lol).

Para quem ainda não escutou, fica a dica de um ótimo álbum. Com certeza, ele estará entre os melhores do ano. Essa é uma aposta certa!

SUMÁRIO 2022

06. **PRIDELANS**
"LIGHT BENDS"

16. **INVISIONS**
"DEADLOCK"

26. **INFECTED RAIN**
"ECDYSIS"

42. **AS IT IS**
"I WENT TO HELL AND BACK"

54. **KROSIS**
E.V.I.L.

62. **INRETROSPECT**
"CURRENT STATE"

34

MONUMENTS
ENTREVISTA EXCLUSIVA
PARA O BRASIL

ROCK MEETING

DIREÇÃO GERAL
Pei Fon

DIREÇÃO EXECUTIVA
Felipe da Matta

FOTO CAPA
Oscar Dziedziel

COLABORADORES
Barbara Lopes
Fernando Pires
Gustavo Tozzi
Kayomi Suzuki
Marta Ayora
Mario Van Bayle
Mauricio Melo
Murilo da Rosa
Rafael Andrade
Uillian Vargas

CONTATO
contato@rockmeeting.net

WWW.ROCKMEETING.NET

"ESTAMOS EXATAMENTE **ONDE QUEREMOS ESTAR** E FAZENDO A **MÚSICA QUE QUEREMOS FAZER**"

PRIDELANDS

BY GUSTAVO TOZZI

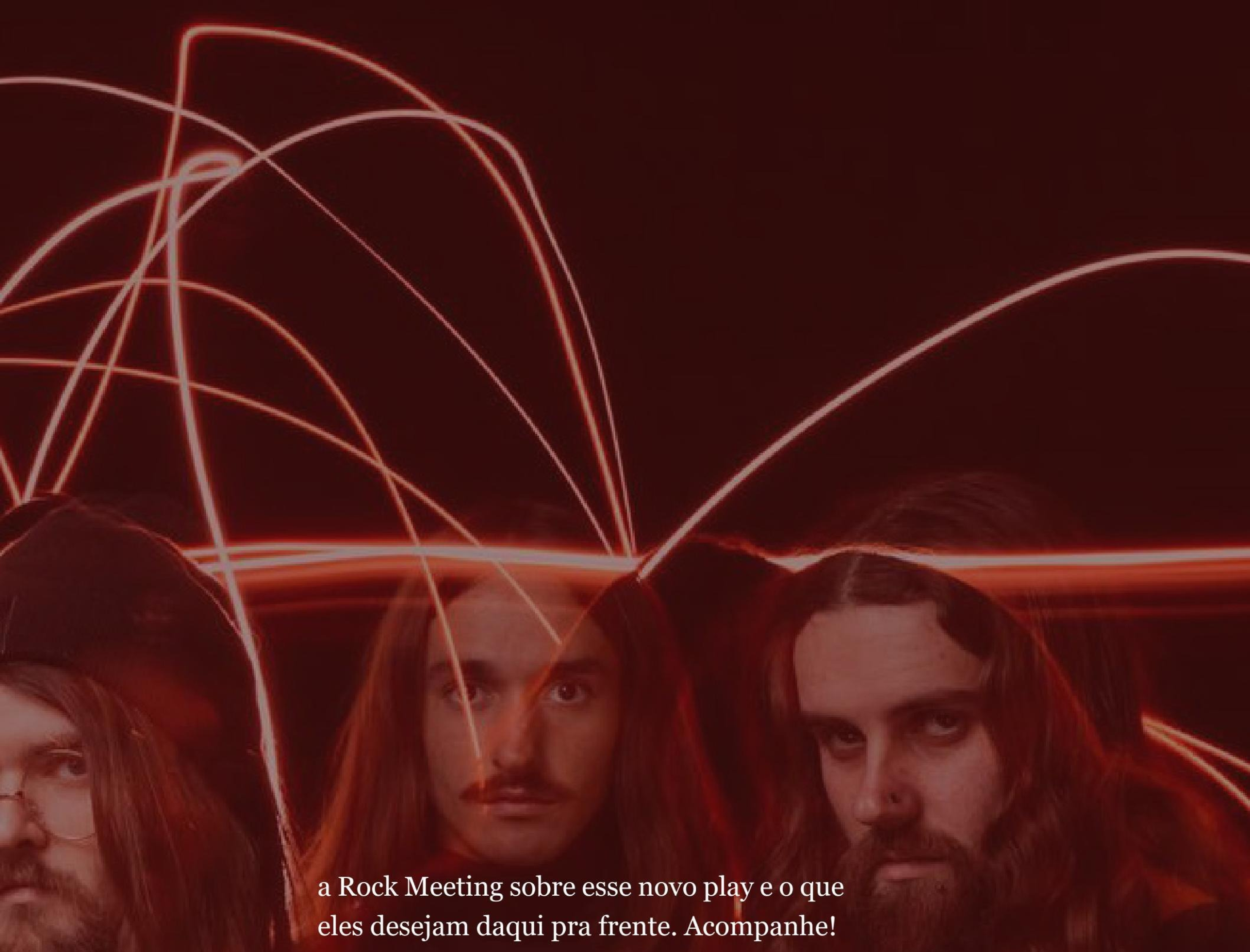
PHOTOGRAPHY

PROMOTION

Enquanto apreciadores da boa música, estamos mais que acostumados a ouvir dois vocalistas dividindo as linhas melódicas, porém com a banda australiana Pridelands essa divisão vocal transcende as expectativas. Essa afirmação pode ser conferida no álbum de estreia "Light Bends", pela Sharptone Records.

Com dez anos de estrada, você se pergunta: por que levou tanto tempo para lançar o primeiro full? Como toda banda, "dada a mudança que passaram em termos de formação", esses caras garantem que estão onde querem estar.

Formado pelos vocais de Joshua Cory e Mason Bunt, Liam Fowler (guitarra), Daniel Larry (baixo) e Joseph Lipsham (bateria), o quinteto conversou com



a Rock Meeting sobre esse novo play e o que eles desejam daqui pra frente. Acompanhe!

Com quase 10 anos de estrada e dois EPs lançados, Pridelands apresenta seu début álbum, “Light Bends”. Qual a avaliação que fazem da trajetória da banda?

É meio difícil responder a essa pergunta, dada a quantidade de mudanças que passamos como banda em termos de formação, ambições, compromissos e estilo de vida etc. nosso álbum de estreia, não o mudaríamos. Estamos exatamente onde queremos estar e estamos fazendo a música que queremos fazer, então é tudo uma questão de seguir em frente com esse tipo de ambição atrás de nós.

A música é um instrumento de sentimentos e "Light Bends" é o reflexo disso, são 11 canções que contam histórias e experiências de vida. Em meio à pandemia, esse álbum é um espelho das incertezas desse período?

Não exatamente. A maioria das músicas foram escritas antes disso, mas foram projetadas para serem interpretadas de maneira diferente. Um significado para mim pode ser paralelo, mas oposto ao de outra pessoa enquanto ouve o disco. Eu não concordo com a ideia de que tudo que escrevemos tem que ser interpretado da maneira que escrevemos. Isso não quer dizer que a intenção não seja importante, mas queremos que as pessoas se envolvam à sua maneira quando ouvem nosso disco.

A música "The Walls" é intensa do início ao fim. Traz um equilíbrio entre o caos e a calmaria e isso fica nítido nos vocais.

Com pouco mais de 170k plays, vocês imaginavam que teriam tamanha repercussão entre os ouvintes?
Curiosamente, esse parecia ser bem cronometrado com toda a questão da pandemia chegando. A música estava em sua essência sobre enfrentar a adversidade e as constantes surras que você deve suportar antes de superá-la e lutar contra esses sentimentos de futilidade o tempo todo, mas a interpretação literal da metáfora dessas 'paredes', em um momento de bloqueios em massa e tal foi oportuno, suponho. Foi uma coincidência louca que lançamos essa música durante esses momentos quando você considera quanto tempo antes de ser escrita.

“The Lake of Twisted Limbs” é um dos grandes destaques de “Light Bends”. Há complexidade e melancolia que envolve um indivíduo que está à beira da autodestruição. Que mensagem vocês deixam para o ouvinte que se identifica com o tema?

A mensagem por trás dessa música é um sentimento, e não uma mensagem literal em si. É sobre aquela dor e trauma não ditos que se infiltram em relacionamentos que podem ser silenciados ou silenciados. É nossa intenção que as pessoas extraiam de sua própria tragédia para aplicar significado a essa música. É bom abraçar as memórias desses sentimentos em retrospecto, para que possamos aprender com eles e ver até onde chegamos como pessoas.

“Heavy Tongue” talvez seja uma das trilhas mais pesadas de “Light Bends”, é energética até o final. Também é um dos sons em que Mason aparece mais do que em outras músicas com os screamings. Como

é para vocês trabalharem com dois vocalistas distintos e extremamente talentosos?

Trabalhar com Mason é um sonho tornado realidade o tempo todo. Ele me surpreendeu com suas habilidades desde que éramos crianças e eu nunca esperei que ainda estaria fazendo música com ele todos esses anos depois. Estamos cantando juntos há tanto tempo que tudo parece tão simbiótico agora. Nós nos tornamos os dois lados de uma moeda,
e eu amo isso.

"Antipathy" é uma das trilhas mais viscerais de "Light Bends". Numa entrevista, Josh disse que a canção foi escrita para tirar as emoções negativas que tiveram durante o tempo, sobretudo a raiva. Conseguiram?

Sim, suponho que todas as músicas são destinadas a ter esse efeito de catarse em nós e no ouvinte. Ser capaz de expressar tantas emoções reprimidas e projetá-las

em uma música é realmente especial e ajuda a deixar de lado as coisas mais difíceis e desafiadoras da vida. Sentimentos de amargura e frustração nunca são coisas boas para se agarrar e escrever e ouvir música que os traz à luz é uma boa maneira de começar a deixá-los ir.

Com shows marcados na Austrália, como está sendo o retorno aos palcos após a crise mais aguda da pandemia? Muito obrigado e sucesso sempre! Saudações do Brasil.

O retorno à música ao vivo foi uma benção. Eu, pelo menos, não percebi o quanto eu perdi até que eu estava em um palco novamente. Estamos tão acostumados a esse novo modo de vida que nunca pensei em como seria uma vez que voltássemos ao que poderia ser considerado normal. Estou feliz por podermos começar a olhar para o futuro e por termos um álbum finalizado para compartilhar com o mundo aonde quer que formos. Espero que isso inclua o Brasil em um futuro não tão distante!

"**ESTAMOS GRATOS** POR TODAS **AS OPORTUNIDADES** QUE TIVEMOS **ATÉ AGORA**"

INVISIONS

BY PEI FON

PHOTOGRAPHY
CRIS GREAVES &
BEN BENTLEY

Desde que 2022 iniciou, muitas bandas têm lançado novos materiais e para quem gosta de se aventurar a conhecer novos plays não pode deixar passar o novo álbum dos ingleses do InVisions.

"Deadlock" é uma verdadeira obra de arte, um álbum que vai atravessar o tempo e terá o mesmo peso e mesma mensagem daqui a dez anos, por exemplo. Com músicas como "Annihilist", o quarteto formado por Josh Hardy (bateria), Lucas Gabb (guitarra), Alex Scott (baixo) e Ben Ville (vocal) sabe muito bem onde querem chegar para conquistar ouvinte da música pesada.

A Rock Meeting conversou com Lucas e Alex sobre o novo álbum, a trajetória da banda e o que podemos esperar deles amanhã. Acompanhe!

Com seis anos de estrada, três álbuns lançados, turnês importantes ao lado dos grandes nomes da cena, qual a avaliação que fazem da trajetória que estão percorrendo?

Alex Scott - Estamos juntos há 6 anos e começamos a turnê em 2017. Adicione o hiato de 2 anos devido ao COVID, e estamos em turnê ativamente há cerca de 3 anos! Estamos super gratos por todas as oportunidades que tivemos até agora, criamos algumas memórias ao longo da vida através dessas experiências. Mas não é segredo que queremos mais! Não somos o tipo de banda que se acomoda e reflete sobre um bom show ou turnê, estamos sempre procurando as oportunidades que podem nos levar para o próximo nível. Em última análise, queremos tocar nos mesmos palcos em que crescemos vendo nossos ídolos tocarem!

Fazer música e torná-la atemporal é um desafio. Com "Deadlock", vocês tiveram essa sensibilidade de fazer com que suas músicas tenham o mesmo impacto daqui a 10 anos, por exemplo?

Lucas Gabb - Quando começamos a escrever 'Deadlock', sabíamos que queríamos escrever um disco que fosse mais uma prova de tudo o que aprendemos e

experimentamos ao estar em uma banda ao longo dos anos. Olhando para todos os nossos álbuns favoritos, nossa lista de reprodução ainda é 90% de álbuns clássicos de Metalcore como Bullet, Killswitch e o antigo Asking Alexandria, porque esses discos tiveram uma impressão tão duradoura em nosso crescimento. Embora gostemos de faixas modernas e pesadas, as músicas que sempre voltamos e tocamos de nossos discos anteriores são as faixas mais emotivas/melódicas, então, em vez de escrever um disco pesado direto, queríamos nos inclinar para o lado melódico/emotivo de InVisions e explorar isso mais do que temos em registros anteriores.

O Metalcore moderno é um mix de influências do passado com o presente e essa fusão é nítida em suas músicas como "DEALER", "Annihilist", por exemplo. Em que momento o rap core e elementos orquestrais se somaram ao som do InVisions?

Lucas - Eu sempre fui fã de hip hop quando fui apresentado a ambos na mesma época! Alguns dos primeiros CDs que tive foram Marshall Mathers LP, Limp Bizkit e Slipknot! Acho que a maior atração do hip hop para mim é a capacidade de contar uma história. Artistas como J

Cole e Mac Miller foram uma grande inspiração para mim liricamente neste álbum, pois sua capacidade de contar uma história e realmente entregar uma experiência através de suas letras é algo que acho que o gênero metal geralmente não tem! Sem mencionar que a entrega e o fluxo das letras no hip hop são tão dinâmicos e interessantes, é algo em que prestamos muita atenção ao escrever vocais!

Quanto aos elementos orquestrais, sempre tivemos seções de cordas e grandes elementos de produção sutilmente misturados em nossa música, mas com o passar do tempo, encontramos melhores maneiras de incorporá-los e realmente deixá-los fazer parte do nosso som. Há tantas semelhanças na música clássica e no metal, então incorporar esses elementos funciona tão bem e faz com que pareça maior do que apenas alguns caras em uma sala! Também somos grandes fãs do Periphery, então isso é algo pelo qual definitivamente nos apaixonamos quanto mais ouvimos Periphery!

“Annihilist” é uma de suas músicas mais ouvidas e dá para entender o porquê, a música pega na mão do ouvinte e o conduz em cada passagem até chegar no refrão para cantar junto. Vocês imaginavam tal repercussão?

Alex - Nós sabíamos que Annihilist provavelmente seria a faixa mais acessível de Deadlock por essas mesmas razões. O refrão é um grande momento de cantar, e a seção de detalhamento do som ambiente adiciona uma dinâmica legal à faixa. Sempre é um deleite absoluto quando tocamos ao vivo!

Com letras que aproximam o ouvinte somadas as melodias agressivas e envolventes, “Deadlock” coloca o InVisions em destaque e isso é notado em mais de 1m de plays no Spotify e ótimas críticas da imprensa. Qual o próximo passo?

Lucas - Tem sido incrível receber tanto amor pelo novo álbum e esta-

mos super empolgados para sair e fazer a turnê o máximo que pudermos! 'Deadlock' veio em um momento estranho para nós, onde não sabíamos o futuro dessa banda, mas sinto que nos colocou no limite e nos deixou mais motivados do que nunca!

Tours maiores, novos territórios e pegue tudo o que aprendemos com esse disco e aumente ainda mais as apostas!

A versatilidade vocal de Ben Ville em "Deadlock" impressiona. Transitando entre os vocais limpos e agressivos de modo sutil, de onde vem a inspiração?

Alex - O estilo vocal neste disco definitivamente evoluiu de nossa música anterior. A inspiração para esses vocais limpos é tirada de artistas como Linkin Park e Architects. A declaração de missão era ir para coros massivos, mas com vocais mais ásperos, em vez de um som limpo típico. Ben é bem conhecido por suas habilidades gritantes ultrajantes, mas ele também merece crédito por seus vocais limpos. Ouvimos todas as semanas na sala de ensaio, ele está cada vez melhor!

Vocês fizeram alguns shows ano passado e já tem datas marcadas para abril e maio. Após um período longe dos palcos devido a pandemia, como foi reencontrar o público? Muito obrigada e sucesso sempre. Esperamos vê-los no Brasil!

Alex - Fizemos uma pequena corrida no Reino Unido no final de 2021 e era exatamente o que todos precisávamos! Nós não tínhamos pisado no palco por mais de dois anos e voltar lá foi uma enorme liberação de energia. Encontrar amigos e fãs na estrada foi absolutamente incrível. Isso nos lembrou por que fazemos isso e nos deu ainda mais motivação para continuar e fazer disso um sucesso.

"NOSSA **DETERMINAÇÃO NOS TROUXE** ATÉ ONDE **ESTAMOS AGORA**"

INFECTED RAIN

BY MURILO DA ROSA

PHOTOGRAPHY
VICTORIA WONKA

URBAN

Com quase 15 anos de estrada, o autêntico grupo de Moldova Infected Rain acaba de lançar o que é certamente um de seus trabalhos mais decisivos até então.

Com sua genuína mistura entre Nu Metal, Melodic Death Metal e Metalcore, mas ainda assim mantendo uma identidade único e indescritível, a banda liderada pela poderosa Lena Scissorhands ainda conta com músicos que vem se mostrando legítimos mestres do New Metal – o baixista Vladimir Babici, o baterista Eugen Voluta e os guitarristas Vadim "Vidick" Ojog e Serghei Babici.

Aproveitando o embalo do lançamento de "Ecdysis", obra que discute o convívio com o terror moderno social, além de traumas e fantasmas do passado, a galera da Rock Meeting conseguiu trocar uma ideia com Lena que tinge o metal moderna com sua essência sombria e sua genialidade musical. Confere aí como foi.

Infected Rain tem quase 15 anos de carreira e nesse tempo já viveram algumas mudanças. Avaliando essa trajetória, qual a análise que fazem desse período até agora?

Lena - Eu diria que, além de ser uma jornada muito difícil de trabalhar e lutar, foi a coisa mais linda que fizemos para nós

mesmos como pessoas, em primeiro lugar. Quando digo isso, quero dizer que a música e especificamente o Infected Rain, com suas aventuras e apoiadores, nos deram um propósito e determinação.

Vindo de uma cena que é pouco conhecida mundialmente, Infected Rain colocou a Moldávia em destaque na cena. Como vocês se sobressaíram num país com pouca referência no Metal?
Nunca pensamos nisso dessa forma. Nós apenas seguimos nossos sonhos e fizemos música com nossos corações. Sabíamos que isso é o que queremos e vamos fazê-lo sem nos importarmos com o resto, o máximo que pudermos. Nossa determinação nos trouxe até onde estamos agora e sei que há mais por vir.

Repleto de referências a diferentes estilos musicais, além do Metal também tem Hip Hop e elementos eletrônicos, "Ecdysis" é o reflexo dessa mistura. Como surgiu a ideia de utilizar elementos musicais de diferentes gêneros?
Isso não é novidade para nossa banda, misturamos estilos e sons desde o primeiro álbum. Sempre adoramos e achamos que misturando gêneros como esse, podemos alcançar emoções específicas e entregá-las com mais precisão.

Na narrativa do album, há uma interessante estrutura que estabelece ao ouvinte um arco que vai das duas partes de "Postmortem" (Pt. 1 e Pt. 2). Qual a importância desse conceito narrativo para o discurso do album?
Não é a parte mais importante do album, no entanto, nós realmente queríamos trazer o ouvinte para o clima da abertura do disco. Quase como fechando o círculo de onde começou.

Entre alguns dos temas apresentados em "Ecdysis", vocês falam do peso da culpa, das consequências de nossas ações e fantasmas do passado. Além desses, quais outros assuntos são abordados nesse novo album?

Os temas são muito diversos, você está certo. Depressão e medo do abandono são alguns dos assuntos também, a busca constante por algo melhor é outra coisa presente.

Com as músicas que mais se destacaram até então, está a esmagadora "The Realm of Chaos", na qual vocês contam com a ilustre participação de Heidi Shepherd do Butcher Babies. Como surgiu a ideia dessa parceria?

Nós nunca planejamos isso. Essa ideia nasceu quando estávamos ouvindo as versões brutas das músicas e analisando-as. Pensamos que essa música e outra seriam perfeitas para uma colaboração. Natural e organicamente, pensei na minha amiga Heidi do Baby Butcher. Foi uma escolha perfeita e ela adorou a

ideia imediatamente.

No conjunto dos videoclipes, "Postmortem Pt.", "Longing" e "The Realm of Chaos", realça cores frias em contraste com a estética gótica e surrealista. Qual a importância dessa harmonia para a transmissão da mensagem da música?

Isso foi apenas porque queríamos definir um certo clima para os vídeos. Um clima que está definitivamente ligado à mensagem das letras, bem como ao próprio visual. Nós nos preocupamos muito com nosso visual, assim como nos preocupamos muito com nosso som e a música em si, por isso, cada deta-

lhe é importante. A cor e as fontes de luz são um dos melhores veículos para entregar ou sublinhar um estado de espírito.

Com uma longa turnê vindo, como vocês estão se sentem ao retornar aos palcos após esse período conturbado da pandemia? Qual a expectativa de vocês? Muito obrigado. Sucesso e esperamos vê-los no Brasil.

Nós nunca temos muitas expectativas quando se trata de turnês e público. Estamos extremamente felizes em voltar a fazer o que amamos. Viajar e compartilhar nossa música pelo mundo nos deixa muito felizes, então estamos muito animados.

"**ESTAMOS ANSIOSOS** PARA **CONTINUAR** EVOLUINDO NESTE **NOVO CAPÍTULO** DA BANDA"

MONUMENTS

BY PEI FON

PHOTOGRAPHY
JOESETH CARTER

Desde a mudança de vocalista, todos os fãs aguardavam um novo play dos britânicos do Monuments. “In Stasis” foi lançado em abril com uma expectativa bastante elevada e, podem ter certeza, surpreendeu!

Fazendo uma brincadeira com o nome do álbum, porém com aquele pingo de verdade, esse novo play do Monuments leva o ouvinte ao êxtase. É uma viagem sonora que transcende qualquer expectativa, é muito melhor do que se imagina. A verdade seja dita!

Com a chegada de Andy Cizek, o (agora) quarteto, somado com John Browne, Adam Swan e Mike Malyan, está muito mais a vontade e isso é sentido nas dez canções que compõem o novo play.

“In Stasis” mostra o quanto a chegada de Andy deixou o ambiente favorável para novas experimentações e o resultado disso será visto neste álbum e nos próximos, e a banda já adianta “que há muito mais de onde veio no resto das gravações”.

A Rock Meeting teve o privilégio de conversar novamente com Andy e saber dessa novidade e o que está por vir.

Após um período longe dos palcos e também sem lançar um full album,

Carter

vocês apresentam "In Stasis". Flertando com o nome do álbum, em que nível de êxtase vocês desejam que os ouvintes cheguem?

Andrew - O mais alto nível!! Esperamos que os ouvintes consigam receber uma dose saudável de agressão, paixão, catarse e equilíbrio. Basicamente, esperamos que você se divirta ouvindo.

"In Stasis" é o primeiro full length com o Andy Cizek. Ao ouvir o novo álbum, a impressão que dá é que ele sempre esteve na banda, há uma sinergia muito boa. O quanto ele teve liberdade para a construção desse novo play?

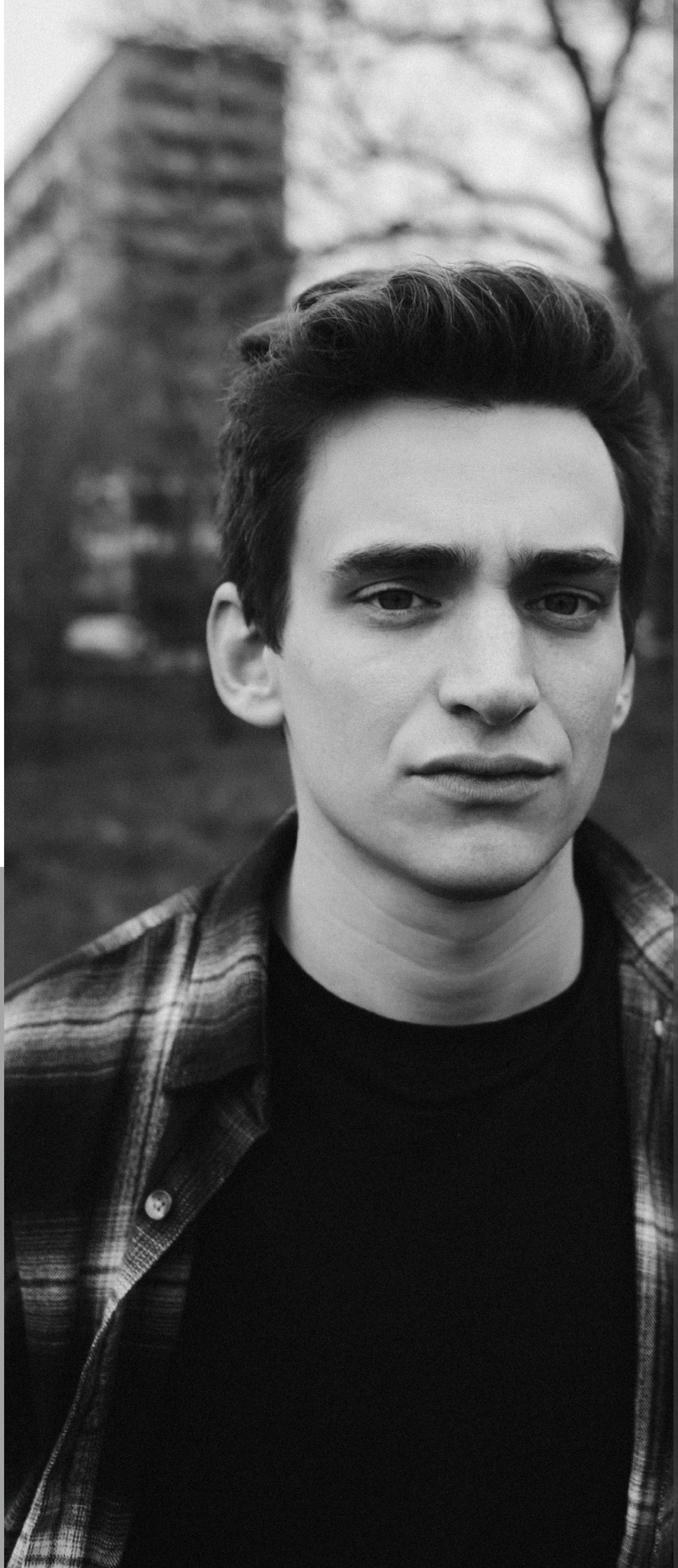
Obrigado! Andy teve total liberdade sobre seus vocais para o álbum, além de contribuir amplamente para as músicas como um todo. Eu diria que todos nós tivemos uma quantidade igual de liberdade durante o processo de escrita. Cada membro meio que seguia seu próprio caminho com cada música, e então nos reuníamos e trabalhávamos juntos nas músicas. Foi um processo muito colaborativo e sinérgico.

Numa fala de Mike sobre o envolvimento de Andy na composição, ele diz que agora as músicas fazem mais

sentido. E posso reafirmar isso já nos primeiros minutos de "No One will Teach You". Pode-se dizer que Andy trouxe a versatilidade que vocês precisavam?
Sem dúvida. Sua dinâmica e personalidade definitivamente trazem algo novo para a mesa. Acho que Andy nos ajudou a refinar nossa abordagem de composição para criar um corpo de trabalho mais coeso e estruturado.

Ouso dizer que "In Stasis" é uma coleção de riffs matemáticos, vocais surreais e atmosferas envolventes que arrebatam o ouvinte. É essa soma que espera que tenhamos?
Não poderíamos ter dito melhor nós mesmos! Esperávamos entregar uma experiência dinâmica e equilibrada.

"No One Will Teach You" tem a participação de uns dos principais nomes do mundo dos games, o compositor Mick Gordon. Como nasceu essa parceria? Fale um pouco sobre esse processo de composição.
Tivemos a sorte de recrutar Mick Gordon para o álbum inteiro! Essa parceria veio de Browne que já tinha uma amizade pré-existente com Mick. Ambos tinham imenso respeito e admiração pelo artesanato um do outro, então pedir a ele para escrever o disco conosco foi um acéfalo.



Felizmente, ele ficou entusiasmado com a ideia e pudemos trabalhar de perto com Mick durante todo o processo do álbum (o que foi um sonho absoluto).

"Arch Essence" tem diálogos melódicos intensos entre Andy e Spencer Sotelo, outra participação especial em "In Stasis". Como surgiu o nome dele para estar presente nessa canção?
Spencer é outro talento incrível com o qual temos a sorte de ter um relacionamento pré-existente. Andy sentiu fortemente por tê-lo na música, e Spencer estava pronto para a tarefa! Ele já foi apresentado em nossa faixa "Denial" do nosso primeiro full-length, então tê-lo de volta para In Stasis foi como voltar para casa.

A mixagem do novo álbum tem a assinatura de George Lever que ajudou a lapidar o som e com isso trouxe um novo começo para o Monuments. Pode-se afirmar que vocês já têm base para novas músicas no futuro?
É seguro assumir que Monuments e George Lever têm um futuro trabalhando juntos.

A melodia vocal de Andy unida com os riffs de Browne em "Cardinal Red" me conquistaram.

Com quase 700k plays, não é difícil de entender como essa música caiu no gosto do ouvinte. Como vocês estão analisando esses números?

Estamos impressionados com a resposta e incrivelmente gratos aos nossos ouvintes por girar a faixa. Estamos felizes em dizer que há muito mais de onde isso veio no resto do álbum!

Intensa e veloz, “Collapse” é uma das músicas que vai cair no gosto dos fãs. Cada estrofe é um mix de emoções distintas que se unem

no refrão. Fico imaginando como seria no show... essa música vai estar no setlist, não é?
Tudo o que posso dizer definitivamente é que você a ouvirá ao vivo em algum momento ou outro. Fora isso, nossos lábios estão selados.

Agora em quarteto, o que podemos esperar desse novo Monuments? Sucesso sempre e esperamos vê-los no Brasil. Muito obrigada!
Estamos ansiosos para continuar evoluindo neste novo capítulo da banda. Você pode esperar mais conteúdo, mais turnês e mais músicas daqui para frente.

Obrigado pela entrevista e obrigado aos nossos fãs por seu apoio contínuo!

"NUNCA **ESPERÁVAMOS CHEGAR** ATÉ A METADE DE **ONDE CHEGAMOS**"

AS IT IS

BY SUZUKI KAYOMI

TRADUÇÃO FRAN ALBINI

PHOTOGRAPHY
PROMOTION

Trazendo a nostalgia à tona, As It Is, é um trio que nos imerge no clássico estilo emo-punk--rock que todos já ouvimos quando adolescentes. Seu novo álbum "I Went To Hell And Back" nos conta a jornada de Patty Walters (Vocalista), Patrick Foley (Bateria) E Alistar Testo (Baixista) nos últimos anos, e deixa claro que As It Is ainda tem mais para dizer e compartilhar com seus fãs.

Em uma entrevista com Patty Walters, a gente mergulha mais afundo em como foi se expressar em "I Went To Hell And Back".

Então, antes de mais nada, eu gostaria de perguntar, vocês estão nesta cena emo-punk, rock, desde 2015, certo?

Patty Walters - sim, então, lançamos nosso primeiro álbum em 2015, formamos a banda em 2012, começamos a lançar nossos primeiros eps na época, foi quando começamos a sair em algumas turnês. E como formamos a banda em 2012, este ano completaremos 10 anos como banda, desde que começamos a escrever e a lançar nossas primeiras músicas. Então já faz um tempo, estou "crescido" agora, louco!

Sim, é uma jornada louca, então como você avalia esta jornada?

Nunca esperávamos chegar até a

metade do que chegamos, apenas começamos essa banda para tocar em alguns shows locais, talvez se tivéssemos sorte de fazer uma única turnê durante a vida da banda. Mas aqui estamos nós. Já fizemos turnês pela América do Norte provavelmente mais de dez vezes, fizemos turnês pelo Reino Unido e Europa, até mais do que isso, estivemos quatro vezes no Japão, e três vezes na Austrália. Este tem sido realmente um sonho tornado realidade, somos tão afortunados de estar nesta posição, e nunca tomamos isso como garantido, sabe, ao longo da pandemia eu sentia falta da música ao vivo, sentia falta dos meus companheiros de banda, sentia falta dos meus fãs e de nossas famílias, tanto, e estar aqui novamente, é tão emocionante quanto a primeira turnê de todas!

Sim, posso imaginar, você mencionou que já fez shows no Japão, como foi fazer um show no outro lado do mundo?

Fenomenal, esta é a coisa, eu nunca estive no Japão antes, estávamos lá tocando nossos primeiros shows, e o fato de que havia centenas de pessoas que conheciam a letra de nossas músicas, queriam nos encontrar depois do show, conseguir autógrafos em seus CDs e seus produtos, inacreditável. Tivemos a sorte de estar lá quatro veze, e cada vez é maior e melhor, e é um dos meus países favoritos. Eu adoro estar no Japão, adoro shows ao vivo no Japão e, é, temos muita sorte.

Walter, você mencionou antes do lançamento de "I Went To Hell and Back" que talvez seus fãs não fossem as mesmas pessoas que eram antes, desde a última vez que vocês lançaram um álbum, você acha que seu público mudou?

Sabe, eu acho que sim. Mudou tanto sobre como eu vejo minha vida e quem eu sou, minha visão ao navegar por ela, passando pela pandemia, e tenho certeza que isso é verdade para todos os nossos fãs. Como

agora estamos lançando singles e posteriormente nosso 4º álbum, nossos números em plataformas de streaming digital, como Spotify e Apple Music, estão crescendo substancialmente. Acho que alcançamos novas pessoas também, e isso é emocionante, é bom quando você alcança um novo público, mas é ainda melhor manter o público que o apoiou por três discos, se não por mais tempo, agora que estamos fazendo isso há 10 anos. Como eu disse, ser capaz de conservar, e manter, alguns desses fãs desde o começo por todos esses 10 anos... isso é algo que realmente prezamos e é muito importante para nós.

Sim, e você até disse que chama seus fãs de amigos, então você os vê de fato como amigos, certo?

Absolutamente, quando pensava em shows maiores com milhares de pessoas, imaginei que os veríamos como rostos anônimos, mas na verdade a questão é que conheci muitos de nossos fãs até por nome e sobrenome. Eu sei onde eles chamam de lar e até o quanto eles viajam para assistir ao show, é isso, você chega lá em cima e reconhece essas pessoas, conhece-as, conhece suas histórias, conhece suas canções favoritas e adora vê-los vindo de novo e de novo, viajando e apoiando a banda, e fazendo parte deste universo.

E sobre seu novo álbum, "I Went To Hell and Back", que já foi lançado, e uma das canções que realmente me tocou foi "I MISS 2003", que é praticamente um tributo, é como uma homenagem ao estilo que fazia parte da vida de tantas pessoas, especialmente a minha, que crescemos ouvindo este tipo de música; de onde veio esta ideia?

Essa foi a última faixa a ser escrita para esse disco, e quando você está terminando, finalizando um projeto tão substancial... Quero dizer, estivemos escrevendo e gravando esse disco por mais de dois anos agora, por causa da pandemia. Por um lado, você está extremamente orgulhoso e extremamente aliviado de que o trabalho árduo tenha terminado, e então você tem algo de que se orgulhar e mostrar ao povo o que parecia intangível por todo aquele medo, a dúvida e a dor, e igualmente você está um pouco triste que este tempo realmente mágico tenha chegado ao fim. Acho que estávamos nos sentindo um pouco sentimentais e nostálgicos por todas as bandas que nos inspiraram a pegar instrumentos pela primeira vez, todos aqueles muitos anos atrás, e são sem dúvida a razão de estarmos nesta posição em que estamos tão gratos por estarmos, acho que foi isso que inspirou aquela canção, estávamos tão em sintonia, eram tantas emoções, então é muito comovente falar sobre escrever esta canção. Foi muito divertido escrever.

Parece muito divertido porque, como eu disse é como, como você mencionou, é uma nostalgia durante toda a canção!
Isso mesmo, acho que por causa da pandemia, todos nós estávamos lamentando e sentindo falta de um tempo mais simples em nossa vida, fosse tão recentemente quanto há dois anos, ou há doze anos, ou quinze anos atrás, quando éramos mais jovens, quando havia menos responsabilidades e nossa vida era mais empolgante e promissora, sabe o que quero dizer?

Com certeza, e continuando a falar sobre o álbum, outra música que eu realmente gosto é "In Threes", e esta música tem um tom mais escuro, meio sombrio, comparado com as outras faixas, e a letra realmente fala para muitas pessoas que talvez sintam o mesmo, ou já sentiram o mesmo antes, como a música ajudou você a limpar sua mente?
Sem dúvidas, então, historicamente a banda escreveu provavelmente canções ainda mais tristes e obscuras, com letras mais tristes e obscuras, e eu sempre me atrai por artistas e letras mais tristes, porque as acho mais úteis, as acho mais sinceras. Há canções e artistas que tentam guiá-lo para fora da escuridão, entende o que quero dizer? Quando alguém está duelando em sua tristeza, sua depressão e suas lutas, eu acho reconfortante saber que não estou sozinho. É o que sempre fomos inspirados a fazer através de nossa arte, através de nossa letra, e "In Threes" não é diferente, é uma canção que se coloca verdadeiramente no sofrimento e na luta, não buscando uma saída, apenas buscando respostas, buscando um sentimento, e essa é definitivamente uma dessas músicas, uma das mais escuras do disco, mas musicalmente e liricamente foi uma alegria escrever, tão divertida de es-

crever com Cody Carson que está aqui em turnê agora, com Jordy Purp envolvida, é uma das minhas favoritas do disco, com certeza.

É na verdade uma das minhas favoritas também, e a maneira como você diz "agora mesmo" parece que todo o álbum "I Went To Hell and Back" é você falando do fundo do seu coração para todos, talvez alguém possa se identificar com isso e ajudar alguém, era essa a intenção?

Absolutamente. Estas letras são sempre escritas na esperança de que ressoem com alguém, mas primeiro, e principalmente, são escritas com autenticidade, sinceridade, transparência, e eu as faço por mim mesmo antes de escrever para qualquer outra pessoa. Esta é minha verdade, minha catarse, minha terapia, transportar estes pensamentos da minha cabeça para um pedaço de papel e depois para o microfone. Então eles encontram o público, mas isso é o que realmente está no fundo da minha mente, para mim isso é apenas autoexpressão, e se isso repercute em alguém, então eu aprecio isso, mas nunca é a intenção, é apenas a autoexpressão, é a honestidade, no final.

Entendo, e falando de autoexpressão, outra faixa que realmente chamou minha atenção foi "I Want To See God", que por outro lado tem uma melodia mais pesada, há alguma razão específica para que esta música soe um pouco mais agressiva, especialmente por causa do título, há alguma razão para isso?

Sim, então, essa canção "I Want To See God" no seu âmago é sobre desespero, é sobre sentir que você é um passageiro em sua própria vida, que você não tem autonomia, e essa é uma canção

onde, sabe “Eu quero ver Deus, quero ficar cego”, você está tão desesperado por respostas, por uma fuga, que você prefere estar atrás do volante da destruição, do que ser um passageiro indo para algum lugar que você não tem nenhum tipo de opinião ou de opção sobre quando e como chegar lá. A agressividade nesta canção, musicalmente, é diretamente inspirada por quão desesperadas, irritadas e frustradas são aquelas letras, e eu acho que foi bastante eficaz e divertido de compor. É a que estou mais entusiasmado em tocar ao vivo, sinto que essa vai ter simplesmente uma tonelada de energia e que me liberarei totalmente no palco hoje à noite, estou ansioso por isso.

Isso provavelmente vai ser bem legal, especialmente porque você fala que está em uma posição onde não controla muitas coisas, você já se sentiu assim em sua vida, como se tivesse perdido o controle ou que não tem controle de nada?
Absolutamente, é uma sensação frustrante, às vezes você tem que cavar mais fundo, ser mais forte do que nunca, e tentar navegar para fora disso.

É, eu acho que isso ficou claro em “I Went To Hell and Back” , no álbum inteiro, porque como você mencionou antes, o álbum foi na verdade idealizado há dois anos, e você também mencionou que houve um momento em que toda a banda estava questionando suas decisões, você pode nos dizer mais sobre isso?
Sim, assim que começamos a fazer uma turnê do nosso álbum, nosso guitarrista estava desejando deixar a banda, e nós pensamos “como vamos lutar contra isso?” e foi mais ou menos o ciclo mais extenso que já fizemos. Provavelmente, fizemos mais de 200 shows. Quando a turnê terminou, nosso bom amigo, guitarrista e vocalista Ben já estava separa-

do da banda. Nós estávamos escrevendo "I Went To Hell and Back" quando nosso baterista se separou da banda. Passamos de cinco membros para três, e cada um de nós pensamos individualmente, "é algo que ainda vale a pena ir atrás? Será que esta ainda é a mesma banda? Ainda temos o impulso, ainda temos o desejo de criar e dizer algo novo?" E na verdade a questão é que ao longo da pandemia, não havia nada além de tempo, nada além de emoção crua, medo e dúvida, havia tanto a dizer, e escolhemos canalizar isso para este disco, e não desviar o olhar da dor e do medo, e em vez disso canalizá-lo para algo produtivo, algo com o qual pudéssemos nos curar. Este disco é um produto disso, de certa forma é um produto dessa incerteza, como eu disse, encontrar e criar respostas a partir da incerteza, e este disco é uma luz quando só há escuridão. Foi uma alegria criar, honestamente, com todos.

Então agora que vocês lançaram o álbum você se sente, não sei, um pouco mais leve, mais aliviado por ter decidido que "não, vamos continuar a banda, vamos continuar fazendo isso"?

Absolutamente, é ótimo estar finalmente compartilhando este disco com o mundo, nós passamos tanto tempo com este disco sendo nosso e somente nosso, compartilhando-o com algumas pessoas que deram algumas opiniões sobre ele. Então, ver a recepção extremamente calorosa que este disco recebeu, em menos de uma semana após tê-lo compartilhado com o mundo, é algo extremamente singelo e extremamente gratificante ver e ler.

Agora, podemos ver que muitas pessoas estão reagindo muito bem ao álbum, e uma coisa que é bastante comum em seus discos é o equilíbrio entre melodias

mais positivas, com a letra é um pouco mais sombria, um pouco mais escura, um pouco mais sóbria, e um exemplo perfeito para mim foi "I Hate Me Too", que tem uma letra que é basicamente "Eu me odeio", mas a melodia é super empolgante e você só quer se divertir. Como você equilibra esses dois opostos, para não acabar com um álbum que é muito escuro ou muito sombrio?

É algo que desde nossos primeiros EPs, nosso primeiro disco, vem realmente de forma natural para a banda. Músicas com batidas animadas, acompanhadas de letras particularmente pessimistas, e eu acho que é uma combinação realmente eficaz, um emparelhamento realmente eficaz, eu acho que a dualidade da melodia se equilibra extremamente bem. Portanto, é algo que historicamente estamos fazendo há algum tempo, e eu gosto de fazer, e continuei a fazer e a implementar neste disco.

Isso é realmente muito legal, e você mencionou que antes de lançar "I Went To Hell and Back" que você ainda tem mais a dizer, vocês têm mais planos saindo, o que as pessoas podem esperar para o futuro?

Então, agora que o álbum foi lançado, o plano é fazer turnês o máximo possível, com a maior segurança possível, com o que se pode fazer em 2022. Agora estamos aqui

na América do Norte, apoiando nossos melhores amigos e, no final do ano, apoiaremos outros grandes amigos do Mayday Parade no Reino Unido, tocando nos maiores locais que já tocamos e estamos ansiosos por isso. Mas, acima de tudo, acho que estamos ansiosos para ser novamente manchetes. Mal podemos esperar para nos reunirmos com tantos amigos que não vemos há tanto tempo, há tanto para colocar em dia, e esperamos que este disco signifique tanto para eles quanto para nós.

Sim, definitivamente, vocês têm muito para pôr em dia, acho que todos depois dos tempos de COVID, ninguém estava pisando nos palcos, e como é estar de volta ao palco novamente?
Sim, é realmente surreal, realmente maravilhoso. Há alguns momentos em que parece que o tempo não passou, mas estamos apenas fazendo o que fazemos de melhor, apenas estando no palco dando 100% em cada show, e depois há momentos em que você está ciente de como isso não é normal, francamente. Costumava ser tão normal tocar em shows mais dias do que estávamos em casa. E agora isso é uma raridade.

É como se fosse uma realidade distante, sabe? Mas muito obrigado pelo seu tempo e divirta-se no palco!
Com certeza! Agradeço seu tempo para nós, muito obrigado!

"ESTAMOS **MUITO FELIZES** POR TER **NOVOS PÚBLICOS** **CURTINDO** O DISCO!"

KROSIS

BY MURILO DA ROSA

PHOTOGRAPHY
PROMOTION

Com suas raízes no Metal técnico e extremo, Krosis eleva o nível de seu peso e a profundidade de sua mensagem. Fundado em 2014, o grupo da Carolina do Norte (EUA) possui três álbuns de estúdio sendo o mais novo lançado esse ano.

Com sua temática apocalíptica e mitológica, a banda formada por Mac Smith (vocal), Brian Krahe (baixo), Nathan Andrew (bateria), Adam Thiessen e Brandon Scurlark (guitarras), supera todas as expectativas com seu recém-lançado álbum E.V.I.L.

Com uma nova abordagem sonora, a banda experimenta de elementos do Progressive, além da utilização de técnicas Djent e dos esmagadores vocais Deathcore. Dessa forma, constroem uma obra reflexiva, comovente e intensa para os fãs da música extrema. Confira a seguir como foi a entrevista da Rock Meeting com essa galera.

Já são mais de 7 anos de banda, uma discografia de 3 álbum com seu mais novo lançamento ganhado espaço no mercado do Metal moderno. Recebendo boas avaliações tanto do público quanto da crítica em importante sites de mú-

sica, qual a avaliação que vocês fazem dessa recepção de E.V.I.L.?

Estamos todos muito satisfeitos com a recepção de E.V.I.L. vamos procurando amadurecer nosso som, o que pode ser arriscado para muitos projetos, pois acumulam longevidade. Incutir mais influências de Death Metal e estruturas aterradas era nosso objetivo para alcançar essa maturidade, enquanto ainda tentávamos manter nosso som de assinatura, que estamos construindo há muitos anos. A continuação dos comunicados de imprensa e artigos relativos ao E.V.I.L., particularmente nos mercados internacionais, tem sido uma experiência muito boa para nós. Não poderíamos estar mais felizes e estamos muito felizes por ter novos públicos curtindo o disco!

Com 8 tracks ao todo, a estrutura do álbum divide as faixas por títulos que, na sua maioria, são associados a nomes, como se fossem de personagens que fazem parte de uma grande história. Qual o conceito dessas nomenclaturas?

Os conceitos do título de cada música referem-se a uma flor específica, que simboliza as

emoções que o protagonista está sentindo ao longo da história do EP. Isso tem muitas influências históricas das culturas nórdica, greco-romana e japonesa. Além de seus aspectos tangíveis, é projetado para permitir que o ouvinte forme sua própria interpretação, através do conteúdo lírico e da atmosfera retratada pela própria música.

"Begonia" é a música que mais se destacou até agora entre as demais, é marcada por uma intensidade sonora, concentrada no peso árduo principalmente dos vocais, mas conta também com brechas para passagens melódicas e melancólicas. Como foi o processo de composição dessa canção?

Esta faixa foi na verdade uma das músicas mais desafiadoras para montar originalmente. Nosso foco foi abranger as características da estrutura tradicional da música bem equilibrada com a profundidade e complexidade da teoria avançada. A música precisava parecer natural, mas também destacar os elementos da história através do fraseado melódico e da voz dos acordes.

Além de ser o destaque do novo álbum, a música "Begonia" possui um videoclipe também, produzido pela Seek & Strike com qual a banda as-

sinou recentemente. No clipe temos um cenário em estilo pós-apocalíptico com três personagens principais. Qual a ideia implícita na narrativa do clipe?

A ideia ressoa em torno do conceito do álbum e seu emparelhamento com nossa edição anterior, "A Memoir of Free Will". Destina-se a representar o mundo pós-apocalíptico criado pelas escolhas alternativas do protagonista e suas implicações. Em resumo, a ideia é mostrar um universo alternativo em relação ao nosso lançamento anterior, no qual o personagem opta por viver em um caminho carente de virtudes e sofre por causa disso. Isso se reflete nas imagens que mostramos de sua família, que são as duas figuras femininas do vídeo.

Em meio ao peso da mistura entre Metalcore, Djent e Deathcore que a banda propõe, "E.V.I.L." possui vários momentos com inserções de sons ambientes e efeitos sonoros industriais, dando mais autenticidade ao trabalho e criando uma atmosfera quase realista. Como vocês chegaram nesse conceito?

Quando estávamos montando o conceito pela primeira vez, concordamos desde o início que queríamos estabelecer o mundo do personagem da maneira mais vívida possível. Sem nenhuma pista visual, foi necessário criar um

tema linear para os ouvintes seguirem. O ato de construir o mundo incutiu ainda mais a realidade do personagem dentro das músicas, e quando combinado com as letras você descobre que a história se torna muito mais intrincada.

Para somar ao que é representado tanto nas músicas quanto no clipe de "Begonia", "E.V.I.L." possui uma capa bem marcante, com um estilo de pintura que remete ao Renascentismo e ao Surrealismo, tingida por cores bem intensas. Qual a relação entre as músicas do álbum e a ilustração?

Conceitualmente, a arte do álbum está intimamente ligada à narrativa do EP e pretende representar um mundo completamente carente de benevolência e virtude (daí o título do EP e a música de encerramento). Este é o resultado das escolhas do personagem ao longo da história, que são detalhadas dentro do conteúdo lírico e pretendem representar as emoções sombrias da natureza humana que podem prevalecer se não forem cau-

telosamente administradas. A capa do álbum foi construída por Alberto Filipponi, que fez um trabalho magistralmente impecável retratando a atmosfera de E.V.I.L.

Por fim, agradecemos muito pela atenção de vocês e o que podemos esperar nessa nova fase da Krosis? Muito obrigado, sucesso e até a próxima!

Obrigado por dedicar um tempo para mergulhar neste novo lançamento conosco! Nós nos divertimos muito compondo isso e estamos ansiosos para lançar muitas outras obras de arte em um futuro próximo. Temos vários lançamentos já planejados e em andamento, então você pode esperar mais música mais cedo ou mais tarde! Obrigado Rock Meeting, mal podemos esperar para voltar com mais um lançamento para todos!

"QUEREMOS UTILIZAR TODOS OS ELEMENTOS DO **NOSSO CARÁTER MUSICAL** PARA DAR VIDA A ALGO **VERDADEIRAMENTE ÚNICO"**

INRETROSPECT

BY GUSTAVO TOZZI

PHOTOGRAPHY
DANI WILLGRESS

Foto - Pearl Cook

Com a pandemia de COVID-19, muitas bandas tiveram que encontrar um modo de sobreviver a ela assim como todos nós. Com a restrição social, as bandas tiveram que se reinventar para continuar na ativa da melhor maneira possível.

Foi assim com os rapazes do InRetrospect, que iniciaram seus trabalhos em 2019, lançaram o primeiro single em 2020, ano que a pandemia se alastrou pelo mundo. James, (guitarra), Jerome (guitarra), Nathan (vocal), Tobias (baixo) e Geromme (bateria) não se abalaram com os problemas causados pela COVID-19 e usaram o tempo para se conectarem ainda mais e de forma harmônica como banda, disponibilizando, como resultado disso, singles e mais singles.

Aproveitem o que o InRetrospect tem para compartilhar sobre tudo isso.

InRetrospect iniciou em 2019 e lançou seu primeiro single Sun Settings em 2020, demonstrando uma versatilidade que não é possível definir a banda a em apenas um estilo musical, mas é inegável a presença do Modern Metalcore. Como foi o começo

da InRestropect e quais foram suas influências?

Nathan - Originalmente, InRetrospect era uma banda nascida por James e Jerome, que tocaram em bandas juntos por um longo tempo. Desde o nosso início encontramos as peças que faltavam nesta banda em Nathan, Tobias e Geromme, formulando nossa linha final até hoje. Assim que começamos o processo de composição para este projeto, Sun Settings foi a primeira música da qual demos um passo atrás e pensamos: é aqui que precisamos começar e construir a partir daqui. Em toda a banda, há muitas influências semelhantes, sendo a principal aquele som Metalcore inesquecível que começou a realmente surgir em meados dos anos 00 a 2010, mas nossa formação musical individual varia do nu-metal ao Thrash e ao clássico em alguns aspectos também. Queremos utilizar todos os elementos do nosso caráter musical para dar vida a algo verdadeiramente único.

InRetrospect lançou os primeiros

singles durante a pandemia. Fazer música no período de restrição social deve ter sido um dos grandes desafios da banda em seu começo. O que a banda passou e gostaria de contar sobre um período tão turbulento?

Após nosso single de estreia, Sun Settings, estávamos incrivelmente ansiosos para voltar direto ao estúdio e continuar de onde paramos. Gravamos seis faixas, anteriormente para ser um EP, mas devido à natureza da pandemia e nós, como banda, somos tão novos, decidimos que lançar single por single seria a melhor maneira de nos ajudar a continuar crescendo quando tudo parou. Durante a pandemia, tivemos muito tempo para trabalhar em coisas como química entre todos os membros e desenvolver nossas técnicas de escrita, estruturas e estilos que nos levam às novas músicas que estamos lançando hoje. Ser capaz de fazer uma turnê agora é algo pelo qual estamos muito gratos, considerando que nunca sabíamos se poderíamos, devido a uma pandemia tão imprevisível.

Até o momento, vocês já possuem quase 200k em streamings no Spotify desde o primeiro single em 2020. Vocês imaginavam receber tamanho destaque em tão pouco tempo de banda?

200.000 streams é um marco e, desde Sun

Settings, nós, coletivamente, temos sido verdadeiramente e humildemente agradecidos por cada stream, ingresso e mercadoria comprada e por todos que se juntaram a nós em nossa jornada, desde o primeiro dia até hoje e para nós será para sempre. Sem pessoas para compartilhar nossa experiência e música, artistas e bandas não seriam nada.

O single "Choke" é a música que possui mais streamings. A letra é tão pesada quanto a música a exemplo no trecho "Endless torment, you're obsolete; I'll find my peace of mind in your own suicide". Como foi o processo desta composição?

Quando chegou a hora de escrever a letra de Choke eu escutei o instrumental e fui atingido por um sentimento de raiva. Não havia nada melódico nessa música, apenas riffs agressivos e um breakdown pesado. Eu sempre tento vincular uma música a um significado pessoal ou algo sobre o qual, como banda, queremos falar. Essa música específica foi escrita sobre bipolaridade, mas fala como uma metáfora e não como um sentido literal. "With your hands around my throat, stealing what's left of the air that I breathe" ('Com as mãos em volta da minha garganta, roubando o que resta do ar que respiro'), essa frase em particular se refere a como seu próprio corpo está tirando seu último suspiro. A sensação de ser sufocado pelas mãos desse estado mental.

Uma das interpretações possíveis do vídeo da música "Substrate" (que estreou em 2022) ao ser analisado em conjunto com a letra demonstra uma mente em conflito que parece não deixar a pessoa (Nathan) conseguir sair do mesmo lugar sem sofrer as "mesmas" dores. De onde veio a inspiração para essa canção?

O significado por trás de Substrate realmente está relacionado ao vício. Ele fala sobre como às vezes, não importa o quanto uma pessoa tente se ajudar, ela sempre descobre que volta ao caminho que recentemente pisou. Ele fala de um sentido em 1ª pessoa

em relação também a “I’m taking the same damn road I always took before” (‘Estou pegando a mesma estrada que sempre tomei antes’) e “‘I’ve tried so hard this time I swear’ (‘Eu tentei tanto desta vez, eu juro’)... Fala de alguém que quer ser ajudado, mas não consegue segurar aquela luz no fim do túnel. As pessoas nem sempre percebem que o vício é algo que nem sempre pode ser ajudado. Acho que no fundo todo mundo quer ser ajudado nessa posição, não importa o que digam, mas nem todo mundo é forte o suficiente para mudar isso.

Para finalizar quais são os planos da banda para este ano?

Atualmente, temos shows alinhados em todo o Reino Unido, ao lado de Death Blooms, Tyrants e muitos mais no horizonte. Estamos no meio do lançamento do nosso novo EP Current State. Estamos incrivelmente empolgados em compartilhar todas essas novas músicas com todos e essa era do InRetrospect.

ROCK MEETING

FOLLOW US

RockMeetingOfficial

RockMeeting

RockMeeting